



## **A PALHAÇA COMO COLCHA DE RETALHOS:**

**quarenta e um anos de processo criativo – Daiani Brum entrevista Profa.Val de Carvalho**

## **LA PAYASA COMO COLCHÓN DE PARCHES:**

**cuarenta y un años de proceso creativo – Daiani Brum entrevista maestra Val de Carvalho**

## **THE CLOWN WOMAN AS PATCHWORK QUILTS:**

**forty-one years of creative process - Daiani Brum interview teacher Val de Carvalho**

Daiani Brum<sup>1</sup>  
Val de Carvalho<sup>2</sup>

### **Resumo**

Trata-se do registro de uma entrevista concedida pela Profa. Val de Carvalho, no dia 15 de outubro de 2023, via chamada de vídeo e áudio, com duração de cinquenta e quatro minutos. A entrevista, semiestruturada, foi coletada por gravação de voz da

<sup>1</sup> Daiani Cezimbra Severo Rossini Brum é pesquisadora, professora e palhaça. Pós-doutora em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU, 2024), sob supervisão da Profa. Dra. Ana Wuo (com bolsa de Pós-Doutorado Júnior do CNPq), Doutora em Teatro (UDESC, 2021), sob orientação da Profa. Dra. Maria Brígida de Miranda; Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, 2017), sob orientação da Profa. Dra. Karenine Porpino; bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2012) sob orientação da Profa. Dra. Mariane Magno. Formou-se em palhaçaria na Escola de Palhaços dos Doutores da Alegria (2014). Dedicou-se à atuação palhacesca no Sistema Único de Saúde (SUS), às ações artísticas, teóricas, formativas e de pesquisa na área de Artes Cênicas. É organizadora dos livros Palhaças na Universidade, Volumes 1 e 2 (EDUFSM, 2022 e 2024), juntamente com a Profa. Dra. Ana Wuo; autora do livro Palhaçaria no SUS (2023); organizadora do livro Mestras Palhaças (no prelo).

<sup>2</sup> Diretora Artística, Educadora, Atriz e Palhaça. Iniciou sua carreira em 1977 na Fundação das Artes de São Caetano do Sul (SP). Ingressou na primeira escola de Circo do Brasil, a Academia Piolin de Artes Circenses (APAC), em 1980. Lá, além de outras modalidades circenses, estudou a arte do palhaço com Roger Avanzi, o palhaço Picolino. Excursionou como palhaça em espetáculos circenses por muitos anos em vários estados brasileiros. No Circo Escola Picadeiro e na Oz Academia Aérea de Circo foi aluna, atriz circense e professora. Além de sua atuação no Circo, trabalhou como atriz e diretora em muitos espetáculos em São Paulo. Trabalhou nos Doutores da Alegria (SP) de 2004 a 2017, fazendo parte do elenco e da escola. Prestou assessoria sobre a linguagem de palhaço na escola Galpão do Circo, em São Paulo (SP). É uma das fundadoras da Cia. do Ó. Em 2013, juntamente com a Cooperativa de Circo, foi a diretora artística do primeiro encontro de mulheres palhaças de São Paulo (SP), no 7º Palhaçaria Paulistana, com uma programação especial com intervenções, cabarés e cortejo cênico, tudo feito por mulheres palhaças, movimento que originou o Grupo Sampalhaças. Em 2016, representou o Brasil em um Encontro Internacional de palhaços de hospital, sediado em Portugal. Atualmente mora em Las Vegas, nos Estados Unidos, onde dirigiu solo de palhaço de Erez Kaplan e Gabryel Nogueira Silva, ambos artistas do Cirque du Soleil. Também dá aulas de teatro, circo e música na Mohave Spring School (texto enviado por Val de Carvalho).

entrevistada, transcrita e referenciada pela entrevistadora, neste trabalho que compõe seus resultados parciais de Pós-Doutorado em Artes Cênicas, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), via bolsa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ), chamada 25/2021, e supervisionado pela Profa. Dra. Ana Wuo. Nesta entrevista, Val de Carvalho narra suas experiências de quarenta e um anos como palhaça, especialmente no contexto do Circo, afirmando perceber seu trabalho como uma colcha de retalhos em eterna construção.

**Palavras-chave:** Palhaçaria; Entrevista; Val de Carvalho.

## Resumen

Este es un registro de una entrevista dada por la maestra Val de Carvalho, el 15 de octubre de 2023, mediante videollamada y audio, de cincuenta y cuatro minutos de duración. La entrevista semiestructurada fue recopilada mediante la grabación de la voz de la entrevistada, transcrita y referenciada por la entrevistadora, en este trabajo que constituye sus resultados parciales del Postdoctorado en Artes Escénicas, de la Universidad Federal de Uberlândia (UFU), financiado por la Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPQ), vía Beca Postdoctoral Junior (PDJ), convocada 25/2021, y supervisada por el Profa. Doctora Ana Wuo. En esta entrevista, Val de Carvalho narra sus vivencias de cuarenta y un años como payaso, especialmente en el contexto del Circo, afirmando que percibe su trabajo como un mosaico en eterna construcción.

**Palabras claves:** Pallacería; Entrevista; Val de Carvalho.

## Abstract

This is a record of an interview given by the teacher Val de Carvalho, on October 15, 2023, by video and audio call, lasting fifty-four minutes. The semi-structured interview was collected by recording the interviewee's voice, transcribed and referenced by the interviewer, in this work that makes up her partial results of Post-Doctorate in Performing Arts, from the Federal University of Uberlândia (UFU), financed by the National Development Council Scientific and Technological (CNPQ), via Junior Post-Doctoral Fellowship (PDJ), called 25/2021, and supervised by Profa. Dr. Ana Wuo. In this interview, Val de Carvalho narrates her experiences of forty-one years as a clown, especially in the context of the Circus, stating that she perceives her work as a patchwork in eternal construction.

**Keywords:** Clowning; Interview; Val de Carvalho.

Imagem 1: Val de Carvalho



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada, sem data.

## Introdução

O presente registro de entrevista foi coletado no dia 15 de outubro de 2023, cedido pela atriz, diretora e formadora Val de Carvalho, para a organizadora Daiani Brum, em função de sua de sua pesquisa pós-doutoral, com bolsa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ), chamada 25/2021, concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), com supervisão da Profa. Dra. Ana Wu. A professora, palhaça, diretora e artista Val de Carvalho, em 2023, comemora os quarenta e um anos passados desde que experimentou o nariz de palhaça pela primeira vez.

Desde então, aprofunda a sua pesquisa e a sua prática sobre a profissão de palhaça. Val de Carvalho, a palhaça Xaveco Fritza, iniciou seus estudos no Circo e na Palhaçaria em 1982, na Academia Piolin de Artes Circenses (APAC), a primeira escola de Circo do Brasil, instituição que possibilitou o aprendizado de técnicas circenses por pessoas advindas de outros contextos que não os de famílias de Circo. A entrevistada relata ter rompido, naquele período, com uma série de amarras familiares e sociais, a fim de construir sua profissão como palhaça.

Relata ter enfrentado dificuldades e, até mesmo, trabalhado pela metade do preço, simplesmente por ser mulher. Val de Carvalho trabalhou por mais de quinze anos na instituição Doutores da Alegria, principal referência no Brasil e uma das principais referências no mundo sobre palhaçaria no contexto hospitalar. Nesta instituição e com o apoio de sua equipe, Val de Carvalho

pesquisou a transposição da técnica circense para o contexto hospitalar, influenciando e possibilitando a inserção de gerações de palhaças e de palhaços nesta linha de trabalho. Atualmente, reside em Las Vegas, Nevada, onde trabalhou com importantes artistas circenses, tendo realizado colaborações com artistas do Cirque Du Soleil, duas delas na direção de números solos de palhaços.

A trajetória, a humildade, a dedicação e o amor de Val de Carvalho por seu trabalho no Circo e no Teatro são reveladas nesta entrevista, gentilmente cedida por ela. Aqui, podemos perceber os motivos pelos quais ela é uma das maiores referências de artista e de formadora de palhaçaria no Brasil e no mundo, responsável pela formação de centenas de palhaças e de palhaços dentro e fora do país. Ao relatar algumas de suas experiências, a entrevistada destaca o caráter dinâmico do aprendizado em palhaçaria, bem como a necessidade constante de aprimoramento de técnicas palhacescas, mesmo após quarenta e um anos de percurso. Senhoras, senhores e todas as pessoas que aqui nos leem: com vocês, Val de Carvalho, a palhaça Xaveco Fritza!

Imagem 1: Sampalhaças



Fonte: Foto de Aro Ribeiro, 2017.

Imagem 2: Doutores da Alegria



Fonte: Foto de Doutores da Alegria, 2015.

**[Entrevistadora]** Professora Val, por gentileza, você poderia contar um pouco sobre a sua história e sobre como foi a sua experiência com Circo, Teatro e Artes Cênicas, tornando-se uma importante palhaça?

**[Val de Carvalho]** Daiani, parabéns pela sua pesquisa, eu agradeço. Toda a vez que eu vejo alguém fazendo coleta de materiais, eu agradeço. Porque antes não tinha [isso] e a pesquisa é importantíssima no sentido de não deixar a memória se perder. Você faz palhaça?

**[Entrevistadora]** Faça, sim! Inclusive me inspiro muito no seu trabalho a partir de minha formação nos Doutores da Alegria. É uma honra ouvir um pouco da sua experiência por meio desta entrevista, já que muitas das professoras e dos professores que tive estudaram com você.

**[Val de Carvalho]** Obrigada. Então, vamos lá! **[Risos]** Eu fui uma criança muito pobre, criada em cortiço inclusive, advinda de família nordestina, que me deixou uma herança de boa educação, no sentido de ser correta, de ser trabalhadora, e isso é o que eu aprendi vivendo com meu pai e com minha mãe. Eu não tinha acesso a nada de artes: para te falar a verdade, a primeira vez que eu ouvi falar em Teatro foi em 1977, eu já estava com dezenove anos de idade e eu tinha um grande amigo que era meu melhor amigo da época, ele era apaixonado por Teatro, ele falava sobre Teatro e eu não sabia o que era aquilo. E ele falou: “Val, eu vou fazer um curso de Teatro na Fundação das Artes, é de graça, você não quer fazer?”. Eu falei: “Não! Eu nem sei o que é isso!”. E ele disse que era para eu ir e saber o que era. Eu falei: “Tá bom! Eu vou!”. E eu fui. Foi uma formação inclusive com o Ulisses Cruz, que hoje é um grande diretor de TV, e comecei a fazer Teatro lá. No primeiro dia que eu fiz a aula, parece que foi um encontro de alma. Porque eu me apaixonei na primeira aula, loucamente. E aí eu saía pregando Teatro para todo o mundo **[risos]**.

Eu achava que o Teatro era a salvação para o mundo! Eu só falava de Teatro. E a minha vida era completamente diferente. Estudei na Fundação das Artes, em São Caetano do Sul **[SP]**, onde fizemos várias apresentações em escolas, foi bem prático e muito legal. Depois veio a Joana Lopes<sup>3</sup>,

---

<sup>3</sup> “É especialista nos processos criativos da dança e do teatro contemporâneos, há muitos anos dedicando-se à pesquisa artística e acadêmica. Em 1996, divulgou na Universidade de Bolonha, no DAMS, o resultado de uma das linhas de pesquisa, dedicada ao jogo como elemento chave na criação de um método para dramaturgia na dança expressiva denominado Coreodramaturgia, designação apontada nos principais dicionários de dança contemporânea. Foi professora de Expressão Dramática na Dança no Balé da cidade de São Paulo, na gestão de Klauss Vianna; docente do Departamento de Artes Corporais no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); professora visitante da Universidade de Bolonha, Itália (1992-2000), e da *Civica Scuola di Animazione Pedagogica di Milano*, Itália. Seguindo seu conceito de Arte Ampliada, inaugura uma linha de trabalho intitulada Coreotopologia, que é fruto de uma extensa pesquisa acadêmica em Arte e Ciência, e propõe uma metodologia de processo que incorpora conceitos da física e da matemática. Como dramaturga e diretora teatral, criou e dirigiu os mais importantes ‘dramas sociais’ dos anos 80, entre eles os monumentais *Vesperal Paulistânia* (1983), no centro velho da cidade de São Paulo; e *Tribunal Tiradentes* (1984), no Teatro Municipal de São Paulo. São inúmeras suas coreodramaturgias, entre elas *A Flor Boiando Além da Escuridão*, criada e apresentada a convite da Universidade de Bolonha; o espetáculo *Pra Weidt, O Velho*, produzido pelo SESC com estreia na Bienal SESC de Dança em 2007, cumprindo temporada em São Paulo em 2014. É autora de livros e artigos

ela fez um outro trabalho que era com a comunidade muito pobre, onde a gente ia às escolas desenvolver o trabalho. Eu comecei a estudar sobre mulheres, mulheres muito pobres, e nós fizemos um espetáculo chamado *Maria Solidão*. Eu me identifiquei muito. Eu trabalhava em um escritório nesta época. Minha família toda trabalhava em fábricas e [em] empregos assim. Eu já era, com dezenove anos, meio que responsável por determinado departamento da empresa. Só que, quando eu comecei a fazer Teatro, eu não dei conta mais daquilo. Eu olhava para a janela e me via como um pássaro preso, bem dramática [risos]. Aí eu não aguentei e saí do emprego. Recebi uma proposta de muito pouco dinheiro para fazer sonoplastia em um espetáculo em São Paulo [SP], de lá eu fui para o Teatro Oficina<sup>4</sup>, trabalhei na produção de alguns eventos. Nesse período, eu trabalhava com Teatro de Rua, que é muito difícil. Eu acho difícil fazer Teatro de Rua, eu fazia com um grupo de amigos. O difícil é fazer a roda e começar o Teatro. No Teatro Oficina, eu conheci um grupo de Saltimbancos. Quando eles saíam para a rua, eles jogavam coisas para cima, andavam em uma roda só... eu pensei: “É isso que eu quero!”. Então, fizemos amizade e eu descobri que havia uma escola chamada APAC [Academia Piolin de Artes Circenses], a primeira escola de Circo do Brasil, embora eu ache tão confuso essa coisa de falar que é a primeira, porque poderia acontecer em outros lugares e, devido à falta de circulação de informação, a gente nem ficava sabendo. Mas eu também não sabia que era a primeira escola, eu não sabia de nada. Eu só sabia que eu gostava de fazer aquilo. Então eu fui atrás. Era lá no Anhembi [São Paulo, SP], em uma lona, onde estavam vários mestres antigos, que não

---

publicados no Brasil e no exterior: *Pedrina e o Mar*, para a adolescência, e *Depois da Festa*, romance que narra os anos de chumbo durante o período da ditadura militar no Brasil, publicado em 2014. Nessa época, Joana Lopes fundou e editou o primeiro jornal feminino brasileiro, *Brasil Mulher*, de circulação brasileira e internacional. É considerada uma das arte-educadoras que iniciou o processo de Teatro-Educação no Brasil, tendo documentada a sua ação de 40 anos nesse setor em filme realizado pela Ação Educativa, lançado em 27 de março de 2014 no Museu de Arte de São Paulo” (LOPES, Joana. Currículo. Disponível em: <https://www.joanabizzottolopes.com/curriculo>. Acesso em: 8 dez. 2023).

<sup>4</sup> “Dirigido por José Celso Martinez Corrêa (também conhecido como Zé Celso), o Teatro Oficina foi fundado em 1958 por estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. O grupo tem um histórico compromisso para com as questões sociais e políticas brasileiras e já passou por diversas transformações que, de várias maneiras, acompanharam as transformações ocorridas na história política do país. O Oficina teve um papel importante na revolução cultural do final dos anos 60, inclusive a seminal encenação de *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, que revolucionou a estética brasileira na performance. Em 1968 veio o período mais violento da ditadura militar brasileira, e os seus membros ou deixaram o grupo ou foram exilados. Durante o restabelecimento lento e gradual da democracia brasileira, o grupo lutou para reabrir e reconstruir o seu espaço, de acordo com um projeto arquitetônico radical de Lina Bo Bardi. Em 1993, o Teatro Oficina foi re-fundado como Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona e iniciou uma fase muito produtiva, que levou à encenação do clássico romance jornalístico de Euclides da Cunha, *Os Sertões*. Em um processo que durou 7 anos, de 2000 a 2007, o Oficina produziu as cinco partes dessa obra, totalizando 27 horas de teatro, culminando com uma turnê em Canudos, a cidade no meio do sertão brasileiro onde a estória original ocorreu. Também durante esse período, o Oficina envolveu-se profundamente com questões sociais relativas à sua vizinhança, dando início ao ‘Movimento Bexigão’ em 2002, para trabalhar com crianças e jovens locais em situação de risco social. Comemorando 50 anos de existência em 2008, o Oficina continua a fazer turnês, no país e no exterior, e a produzir novas obras, inclusive *Estrela Brazileira a Vagar – Cacilda!*, a segunda parte da sua tetralogia sobre a atriz brasileira Cacilda Becker” (HEMISPHERIC INSTITUTE. Teatro Oficina. Disponível em: <https://hemisphericinstitute.org/pt/hidv1-collections/itemlist/category/189-oficina.html>. Acesso em 07 dez 2023).

estavam mais em cena e que ganhavam para dar aulas para novos talentos, porque, nessa época, os artistas circenses só davam aula para a própria família.

Deste modo, a Secretaria da Cultura de São Paulo fez um projeto e colocou essas pessoas, que inclusive estavam sem trabalho, para dar aulas, para formar pessoas. No domingo, acontecia um projeto chamado “Bambalalão”, que ia para a televisão, na TV Cultura. Durante a semana, [tínhamos] aulas com estes mestres, e foi um choque, era uma trombada no escuro, porque eles não estavam acostumados com aquele tipo de gente, como nós do Teatro. Realmente a gente era muito diferente. Eles eram muito tradicionais, por uma questão social, que aí já é outra história. De repente, vem um projeto que traz um bando de pessoas do Teatro, que estavam quebrando tudo, no sentido das formalidades da época. Eu estava arrebitando com a minha família e [com] outras coisas em que eu não acreditava mais. Foi uma época em que as pessoas estavam jogando para o alto as hipocrisias da vida familiar.

Nós éramos pessoas muito soltas: eu, por exemplo, chegava em uma moto, saía em um carro e eles pensavam: “Meu deus! Que menina é essa? A outra também!”. E assim foi. E nós fomos nos ajustando. Lá eu conheci o meu principal mestre, que eu chamo até hoje de *Pailhaço*, que é o Roger Avanzi<sup>5</sup>, o Palhaço Picolino. Nunca mais a gente se largou. E a história é engraçada, porque a gente tinha aula de tudo em Circo, e eu fiquei vidrada pelo Circo. Aí fiquei sabendo que tinha aula de palhaço e fui fazer, aí eu fui, né? No dia da aula de palhaço, estou lá, sentada, só eu de menina, eu achei engraçado. Não tinha mulher na palhaçaria. Tinha mulheres que faziam palhaço vestidas de homem, mas eu não sabia disso, eu não sabia de nada! Eu entrei na escola, mais ou menos, em 1982. Fiquei cinco anos no Teatro, fui para o Circo e não saí mais do Circo. Exatamente pela minha história de vir de um lugar de muita pobreza, sem muito acesso à informação, eu não sabia que não existia palhaça mulher, que ali era uma família de Circo que nunca tinha dado aula para outras pessoas... eu não sabia de nada, eu só sabia que eu estava apaixonada por aquilo, que eu queria aquilo [para a] minha vida. Toda a minha família falava que eu estava perdida na vida e, realmente, eu estava bem perdida, sem ter onde morar, tive que sair de casa.

---

<sup>5</sup> “Roger Avanzi, conhecido por ser o intérprete do Palhaço Picolino, nasceu em São José do Rio Preto, em 7 de novembro de 1922. Seu pai foi o fundador do Circo Nerino, onde ele aprendeu a ser acrobata e palhaço, ganhando como herança o personagem do palhaço Picolino que o seu pai já interpretava. Nos anos 1980, o Palhaço Picolino ficou famoso na TV Cultura, no programa ‘Circo do Bambalalão’, então uma das maiores audiências da emissora. Roger Avanzi ou palhaço Picolino morreu em 10 de dezembro de 2018, aos 96 anos de idade, em sua residência, em São Paulo, por falência múltipla dos órgãos” (MUSEU DA TV. Picolino. Disponível em: <https://www.museudatv.com.br/biografia/picolino/>. Acesso em: 7 dez. 2023).

Eu fui quebrando muitas coisas, foi uma experiência tão desafiadora que eu fiquei lá, estudei bastante, aprendi muito e fiz um vínculo com o Picolino que nunca mais a gente deixou de se encontrar. Porque, quando ele dava aula e quando vinham os meninos, ele dava uma esquete de quatro pessoas, eu era a que menos falava. Eu acho que ele não acreditava que eu ia seguir aquilo, porque não tinha mulher estudando palhaço. Por isso que eu te agradeço, porque não tinha nada, não tinha livro, não tinha referência. Eu ia assistir espetáculos de Circo com o caderno na mão e com a caneta, porque eu ia olhando a esquete e escrevendo rápido, a esquete inteirinha, chegava em casa e passava tudo a limpo. Eu tinha facilidade com a comicidade, inclusive no Teatro de Rua, eu tinha muita facilidade. E assim começou a minha pesquisa. Com o Picolino... tudo o que eu assistia eu anotava.

Em São Paulo, passei a fazer parte de um grupo chamado Grupo Tapete Mágico, e nós montamos um espetáculo chamado ‘Os novos saltimbancos’ com artistas que hoje são muito importantes para o Circo brasileiro. Este espetáculo foi contratado por um shopping na Bahia. Fui trabalhar por um mês contratada e fiquei quatro anos na Bahia. Nós fomos contratados por um mês e, ao invés de pagarmos um hotel, nós pegamos o dinheiro e alugamos uma casa por dois meses. Acabou aquele contrato, veio outro, depois outro, e fui ficando, voltei quatro anos depois. Quando voltei para São Paulo, fui para o Circo Escola Picadeiro, onde conheci a Bel [Isabel] Toledo<sup>6</sup>, que é uma pessoa muito importante na minha vida. Eu trabalhei com ela durante vinte anos. Ela era minha principal empresária, inclusive trabalhei com ela na Oz Academia de Circo, onde eu dava aulas. A Isabel é uma pessoa que convencia as pessoas. Alguém ligava, solicitando o orçamento de uma dupla de palhaços, e ela dizia que uma pessoa [da dupla] era mulher. As pessoas diziam: “Não! Isso não existe!”. E ela dizia: “Não, você vai gostar, eu tenho certeza que, se você contratar, você não vai se arrepender”.

Eu cheguei a trabalhar pela metade do preço... [pausa] porque eu valia menos por ser mulher. Porque eu precisava trabalhar, porque eu tinha decidido... [emocionada]. Me desculpa, eu fico emocionada. Eu tinha decidido que eu ia viver daquilo, então, quando entrava um dinheiro, eu pagava

---

<sup>6</sup> “Curadora, parecerista, produtora executiva e gestora cultural, é graduada pela Université de Paris. É a Vice Presidente da Associação dos Amigos do Centro de Memória do Circo (2021/2023), foi gestora do Centro Cultural Tendam da Lapa e do Centro de Qualificação do Circo (2017/2020), do Circo Escola Picadeiro (1985 a 2008), e Comissária do CNIC - Conselho Nacional Incentivo Cultura (2017/2018). Foi a produtora executiva do Festival Internacional de Circo (2018 a 2020). Curadora do Festival de Artes Cênicas Guaramiranga/CE (2018), integrou a Comissão seletiva do Prêmio Governador (2011 a 2016), e foi curadora do Festival Paulista de Circo (2007 a 2018). Foi fundadora e presidente da Cooperativa Brasileira de Circo (2005/2016), membro da Comissão do Plano de Cultura do Estado de São Paulo (2015), coordenadora da Aliança Pró Circo (2010 a 2016), produtora executiva da Palhaçaria Paulistana (2007 a 2015), do Palhaçaria do Litoral (2014/2015), Palhaçaria do Nordeste (2014). Foi diretora da Associação dos Amigos do Centro de Memória do Circo (2012/2016), e do Circo Piolin - Festival Internacional do SESC (2013/2015). É diretora do Circo de Ébanos (desde 2007)” (FESTIVAL DAS MARIAS. Bel Toledo. Disponível em: <https://www.festivaldasmarias.com.br/bel-toledo>. Acesso em: 22 nov. 2023).

uma conta. E assim fui fazendo meu próprio mercado, porque, quando me contratavam, sei lá, acho que o pessoal achava que eu era engraçada, sabe? [Risos]. Eu sempre tive muito cuidado com o figurino, com os adereços, sempre fui apaixonada por adereços, [por] coisas de palhaça que explodem, que choram, que escorrem, eu estava sempre com essas parafernália em cima de mim. Então, a Bel Toledo, para mim, é uma pessoa muito importante, ela me ajudou a montar uma carteira de clientes, obrigando-os a me contratarem [risos]. E aí, da Oz Academia de Circo, eu fui para os Doutores da Alegria.

Um amigo me falou: “Val, os Doutores da Alegria estão com teste aberto, você não quer fazer a seleção?”. E eu nem sabia o que eram os Doutores da Alegria, porque era Teatro. Até então, os Doutores da Alegria eram profissionais de Teatro. Aí eu mandei meu currículo. Nesta época, fazia vinte anos que eu fazia palhaça. Teve uma reunião, uma palestra no teatro, aí eu fui lá levar o meu currículo e, quando cheguei, o teatro estava cheio de concorrentes. Eu pensei que deveria ser muito bom trabalhar ali, porque tinha muita gente querendo. Eu peguei o meu currículo e fiquei lá, meio sem esperança, eram mais de duzentos e cinquenta pessoas para quatro vagas. Foi uma das mais fortes seleções do grupo em termos de número de pessoas concorrendo, naquela época. Depois eu recebi a notícia de que meu currículo havia sido selecionado. Fui fazendo alguns testes. Conheci a Soraya [Saíde]<sup>7</sup> e a Thaís [Ferrara]<sup>8</sup>. Naquela época, eu fazia palhaça há mais de vinte anos. Foi demais o encontro [com a palhaçaria hospitalar], foi um choque! Eu dei muito trabalho! [risos]. Porque eu era a primeira palhaça de Circo dentro dos Doutores da Alegria. E isso é uma coisa recorrente em minha vida, sempre tendo que ser a primeira, é difícil essa história de ser a primeira [risos]. Então, eu fui e percebi que Doutores da Alegria é uma instituição muito séria. Eu tiro o chapéu, foi o melhor lugar [em] que eu já trabalhei em minha vida. Quando passei, começaram os treinamentos e... meu Deus! Que sofrimento! Mesmo eu tendo vinte anos de trabalho como palhaça, de formação totalmente circense, eu fazia claque, esquetes, uma palhaça muito física. Quando entrei nos Doutores, percebi que se tratava de uma outra linguagem. Por exemplo, eu era uma palhaça de plateia, de picadeiro,

<sup>7</sup> Fundadora do grupo Palhaços Sem Juízo – Intervenções artísticas no Judiciário. Atuou durante vinte e seis anos na Associação Doutores da Alegria como palhaça e formadora de palhaças e de palhaços. Soraya Saíde é uma das principais referências brasileiras no contexto da pesquisa em *commedia dell'arte*, tendo trabalhado com Francesco Zigrino, Giani Ratto, Cristiane Paoli-Quito, Wellington Nogueira, entre outras destacadas pessoas das Artes Cênicas. Fortuitamente, Soraya foi professora, durante dois anos, desta entrevistadora que vos escreve, que também é palhaça, orientando-a e fomentando nela a pesquisa, o trabalho diário e a persistência na palhaçaria em um processo de muita delicadeza, cuidado e escuta, pelo qual serei eternamente grata.

<sup>8</sup> “Atriz graduada pela Escola de Arte Dramática da USP, também é psicóloga e instrumentista. Trabalhou, entre outros, com Celso Frateschi, Cristiane Paoli-Quito, Antônio Araújo, Pedro Paulo Bogossian, Ruth Rachou, Ismael Ivo e André Riot-Sarcey” (DOUTORES DA ALEGRIA. Site oficial. Disponível em: <https://doutoresdaalegria.org.br/?s=thais+ferrara&button=>. Acesso em: 23 nov. 2023). Thaís Ferrara trabalhou como formadora e palhaça nos Doutores da Alegria por mais de vinte e cinco anos.

tudo grande, todos os movimentos grandes. De repente, eu vou para o hospital, onde tem uma criança na minha frente. E o propósito delas [Soraya Saíde e Thaís Ferrara], durante o treinamento, foi [o de] que eu não perdesse a essência do meu palhaço, que eu levasse o Circo para dentro do hospital. Foi muito desafiador, tanto para elas quanto para mim.

Elas não sabiam o que fazer comigo e eu não sabia o que fazer com elas [risos], mas nós conseguimos um bom resultado ao concretizar o objetivo de manter uma palhaça de Circo, isto é, com as suas características e técnicas de Circo, dentro dos espaços hospitalares. Foi um ano de treinamento, só então eu fui para o hospital. E aí veio o que eu considero que me trouxe grandes aprendizados, que são os palhaços que vão para o hospital. Essa é a fonte. São palhaços sagrados, não só por isso [por trabalharem no hospital], [pois] às vezes trabalham em muitos lugares fora do hospital, também. São pessoas que têm prêmios, espetáculos em cena, que estão sempre rodando, isso é importante para trazer o alimento para o hospital. E o que o hospital nos alimenta, também, é impressionante. As pessoas só veem aquele lado triste... realmente, muitas vezes a gente vê coisas que a alma não comporta, sabe? Mas o que a gente ganha não tem medida. E foi lindo, porque, primeiro, você tem vários parceiros com quem você vai trocando: palhaças e palhaços de vários tipos e de várias formas, muito estudo. Ali eu aprendi muito, a gente se encontrava toda a semana, para ensaiar, para montar cena, espetáculos. O trabalho dos Doutores não é só no hospital. O trabalho deles é lindo, é uma fábrica de produção de palhaçaria. Depois de mim, felizmente, entraram mais palhaços de Circo, são eles: Du Circo, Ronaldo Aguiar, Sandro Fontes, Duico Vasconcelos e Márcio Douglas, espero não esquecer ninguém, mas acho que são esses, também tem a Paola Musatti, que estudou no Circo. Agora acredito que tenham outras pessoas.

Cada pessoa veio de uma formação, aquilo é a coisa mais linda, é um caldeirão, você coloca as habilidades de cada pessoa e vai misturando. Até hoje eu me considero parte dos Doutores da Alegria, mesmo não trabalhando mais no grupo e vivendo em outro país, porque foi muito importante em minha vida e faz parte de quem eu sou. A grande essência do trabalho são as crianças: no hospital a gente faz de tudo para fazer alguma coisa, por isso que vai o palhaço, por isso que vamos em dupla ou em trio. Se eu for somente como Val, eu desmonto... por isso, quem vai é a palhaça, cuja formação é constante. Eu sou apaixonada, porque eu era do Circo. No Circo, as pessoas trabalham muito, treinam muito, e eu admiro essa força.

**[Entrevistadora]** Professora Val, você poderia falar um pouco sobre aspectos que considera importantes para a formação de palhaças e de palhaços hoje, no Brasil? Quais são os princípios fundamentais, para você, considerando a atuação dentro e fora dos contextos hospitalares?

**[Val de Carvalho]** Para começar, precisamos pensar no que está dentro de cada pessoa. Todas as pessoas têm o seu lado ridículo, que tentam não mostrar, e a gente [palhaças/os/es] não só mostra como escancara [risos]. Olha, sobre os princípios e a formação, como eu te falei, não tinha na época... não tinha livros, não tinha nada. Eu fui aprendendo conforme fui participando de encontros, de palestras, por mim mesma, anotando. Eu tenho uma pilha de cadernos. Nem o *online* existia para você registrar as coisas. Hoje em dia, tem um leque muito grande que você pode acessar, tem bons mestres e boas mestras. O fato de eu ter trabalhado nos Doutores abriu bastante, porque lá tem uma coisa chamada “Encontro com o Mestre”: todo o ano vinha um mestre, na maioria das vezes internacional. Um grande encontro de formação.

Depois a gente pegava aquilo tudo, jogava no caldeirão e levava para o hospital. Hoje em dia, tem muitos grupos de palhaças e de palhaços que atuam nos hospitais, felizmente. Se a pessoa quiser, ela vai atrás, ela encontra. Buscar fazer parte de encontros, de cursos, escolas, faculdades, pesquisando mesmo, conforme o interesse de cada momento da pessoa... por um lado, tem um lado excelente nisso, que é a difusão, [em que] se discute a profissão, mas tem o outro lado, [o] de que hoje existe muita gente fazendo qualquer coisa e achando que é palhaço, [quando] não é. Muita gente que faz meia dúzia de cursos e logo está dando aula, eu fico abismada com isso. Isso não oferece muita base de estudos e acaba virando qualquer coisa. [Palhaçaria] É um estudo constante, uma formação constante. Se você acha que não tem mais o que estudar, vai aprender música, vai aprender a tocar um instrumento, vai aprender mágica, vai fazer mímica, vai cozinhar, sabe? Todo o curso cabe para um palhaço, desde que ele traga para a linguagem. O que não pode é fazer qualquer coisa, escolher qualquer roupa. Tem muita gente que não estuda, tem muita gente que trabalha durante a semana em outra área e, no fim de semana, vai dividir o mercado de trabalho com o artista. Eu fico um pouco receosa.

Tem muita gente que consegue conciliar isso, não estou julgando, mas eu penso que é tão difícil [e] desafiador ser palhaço... às vezes as pessoas não conseguem mesmo pagar as contas, muita gente teve que fazer outras coisas, que bom que sabiam fazer outras coisas. É complicado, porque tem muita gente [se] formando em palhaço, entrando no hospital sem pesquisa, estudo e aprofundamento sobre o assunto, sem dialogar com profissionais. Tem muita gente trabalhando em

hospital que não sabe o quão delicado é este espaço, mesmo que sejam pessoas de boa vontade e de bom intuito. Mas poderiam ir vestidos de outras personagens ou profissões, [como] pessoas que têm esse intuito bom dentro de si e que animam e ajudam as pessoas, especialmente crianças, mas que não precisam ir vestidas de palhaços. Me pergunto muito sobre isso e a resposta é sempre fazer o meu melhor naquilo que posso fazer, é o que tem para o almoço [risos].

**[Entrevistadora]** É uma faca de dois legumes! [Risos] Professora Val, é uma honra ouvir o seu relato sobre a profissão de palhaça no percurso do Teatro para o Circo. Já nos encaminhando para o final da entrevista, gostaria de saber se você quer falar sobre mais alguma coisa.

**[Val de Carvalho]** No dia [em] que eu vi Teatro, eu me apaixonei. É muita luta, foi muita luta, muitas questões, muitos empecilhos, amamenteei no camarim, minha filha trabalha no Cirque du Soleil, como artista de aéreos, durante dezoito anos, agora ela está na parte técnica. Eu já trabalhei com orientação de diversos artistas do Cirque du Soleil. Com dois artistas, nós montamos números de solos com a minha direção. Um deles, inclusive, queria fazer uma audição para palhaço, nós fizemos encontros específicos para isso, trabalhei muito com ele e ele conseguiu. Eu me senti muito honrada com isso, porque ele se dispôs, ele teve disciplina, se abriu. Se não há disponibilidade da pessoa, não existe. Quando o palhaço começa a fazer palhaço, ele se apaixona, então ele começa a achar que tudo o que ele faz é engraçado, mas às vezes não é [risos]. Uma coisa que eu queria dizer é que eu não me vestia de palhaço, eu ia sempre trabalhar de palhaça; mesmo em 1982, já fazia a palhaçaria feminina e não sabia. Que bom que eu não sabia. Acredito que, mesmo que eu soubesse que as mulheres, muitas vezes, tinham que se vestir de palhaço, representar um homem, eu teria me negado a fazer isso, a menos que se tratasse de algum personagem que eu tivesse que interpretar. Caso contrário, eu jamais faria. A roupa feminina pode tornar-se muito engraçada, então, neste caso, por que se vestir de homem? Então, mesmo sem saber que ser palhaça mulher era uma prática incomum, eu acredito que me recusaria a me vestir de palhaço homem, jamais teria concordado que não poderia haver ações cômicas em uma mulher, pois eu amava fazer a palhaça, mulher. Eu me lembro uma vez que no Circo, em uma apresentação de alunos, eu fui repreendida por que, naquele dia, eu teria feito uma maquiagem muito feminina, com traços muito femininos. Eu fui mandada para o camarim, de volta, sem me apresentar, para mudar a maquiagem, e eu chorei muito neste dia.

Mesmo que tenha muitas coisas para melhorar, eu prefiro ter esperança e penso nas pessoas muito boas que eu conheço em função de minha profissão. Eu vejo a minha vida de palhaçaria como

se fosse uma colcha de retalhos: muita gente passou, muitos grandes mestres passaram, deixando um pedaço de algo muito importante. E você está construindo a sua colcha também, uma colcha maravilhosa. É isso aí, querida. Muito obrigada pela sua iniciativa, agradeço por você registrar um pouco do meu trabalho.

**[Entrevistadora]** Professora, te agradeço imensamente pelas falas e colocações, com certeza você é uma grande inspiração para o meu trabalho e para o trabalho de milhares de outras pessoas no Brasil e no mundo. Um dia espero ter a oportunidade de estudar palhaçaria com você.

**[Val de Carvalho]** Com certeza, às vezes eu vou ao Brasil fazer alguns trabalhos, ficamos em contato. Obrigada, querida.